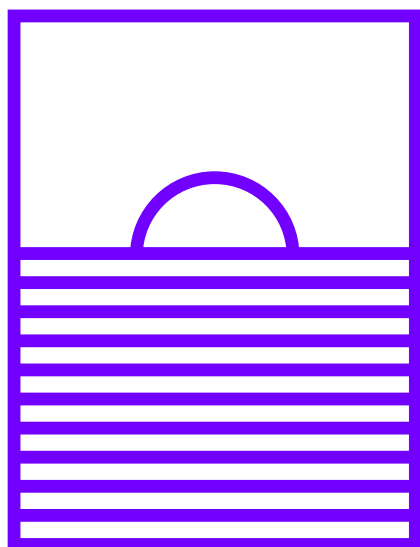


Caderno
de Leituras
n.56

série intempestiva |

Tradução de Cícero Oliveira

Meditação sobre a obe- diência e a liberdade*



* Extraído de *Oppression et liberté* (1933-1943). Publicado originalmente em Paris, pela editora Gallimard, em 1955.

Simone Weil

A submissão da maioria à minoria, esse fato fundamental de quase toda organização social, não deixou de surpreender todos aqueles que refletem um pouco. Vemos, na natureza, os pesos mais pesados prevalecerem sobre os menos pesados, as raças mais prolíficas sufocarem as outras. Entre os seres humanos, essas relações tão claras parecem invertidas. Decerto, sabemos, por experiência cotidiana, que o homem não é um mero fragmento da natureza, que o que nele há de mais elevado – a vontade, a inteligência, a fé – produz, todos os dias, espécies de milagres. Mas não é disso que se trata aqui. A necessidade impiedosa que manteve e mantém massas de escravos de joelhos – massas de pobres, massas de subordinados – nada tem de espiritual; ela é análoga a tudo o que há de brutal na natureza. E, no entanto, ela é aparentemente exercida em virtude de leis contrárias às da natureza. É como se, na balança social, o grama prevalecesse sobre o quilo.

Há quase quatro séculos, o jovem La Boétie,^(NT) em seu *Contra-um*, colocava essa questão. Ele não a respondeu. Sobre quais exemplos comoventes poderíamos apoiar seu pequeno livro, nós, que vemos hoje, num país que abarca um sexto do globo, um único homem sacrificar toda uma geração! É quando castiga a morte que o milagre da obediência salta aos olhos. Que muitos seres humanos se submetam a um único por medo de serem por ele mortos, é bastante surpreendente; mas como compreender que permaneçam submissos a ponto de morrer mediante suas ordens? Quando a obediência acarreta ao menos tantos riscos quanto a rebelião, como ela se mantém?

O conhecimento do mundo material em que vivemos pôde se desenvolver a partir do momento em que Florença, depois de tantas outras maravilhas, trouxe à humanidade, por intermédio de Galileu, a noção de força. Foi somente então que a organização do meio material pela indústria pôde ser empreendida. E nós, que pretendemos organizar o meio social, dele não possuiremos sequer o conhecimento mais grosseiro enquanto não tivermos concebido claramente a noção de força social. A sociedade não pode ter engenheiros enquanto não tiver tido seu Galileu. Haveria neste momento na face da terra, um espírito que conceba, ainda que vagamente, como é possível que um homem, no Kremlin, tenha a possibilidade de fazer rolar qualquer cabeça nos limites das fronteiras russas?

Os marxistas não facilitaram uma visão clara do problema ao escolher a economia como chave do enigma social. Se considerarmos uma sociedade como um ser coletivo, então esse grande animal, como todos os animais, se define principalmente pela maneira como se assegura o alimento, o sono, a proteção contra as intempéries da vida. Mas a sociedade considerada em sua relação com o indivíduo não pode se definir simplesmente pelas modalidades da produção. Por mais que se recorra a toda sorte de sutilezas para fazer da guerra um fenômeno essencialmente econômico, salta aos olhos que a guerra seja destruição e não produção. A obediência e o comando são também fenômenos cujas condições de produção não são suficientes para dar conta. Quando um velho operário sem trabalho e desamparado perece silenciosamente na rua ou num barraco, essa submissão, que se estende até a morte, não pode ser explicada pelo jogo das necessidades vitais. A destruição massiva de trigo, café, durante a crise é um exemplo não menos claro disso. A noção de força, e não a noção de necessidade, constitui a chave que permite ler os fenômenos sociais.

(NT) Referência a Étienne de La Boétie (1530-1563), escritor humanista e poeta francês, amigo íntimo de Montaigne e autor, dentre outras obras, de *Discurso sobre a servidão voluntária*.

Galileu não teve que se vangloriar, pessoalmente, por ter tido tanto talento e tanta probidade em decifrar a natureza; ao menos não teria ele que enfrentar um punhado de homens poderosos especializados na interpretação das Escrituras. O estudo do mecanismo social, por sua vez, é entravado por paixões que se encontram em todos e em cada um. Não há quase ninguém que não deseje quer seja abalar

quer seja conservar as relações atuais de comando e de submissão. Ambos os desejos põem uma névoa diante do olhar do espírito, e impedem que se perceba as lições da história, que mostra por toda parte as massas sob o jugo e alguns levantando o chicote.

Uns, do lado que apela para as massas, querem mostrar que esta situação é não somente iníqua, mas também impossível, ao menos para o futuro próximo ou longínquo. Outros, do lado que deseja conservar a ordem e os privilégios, querem mostrar que o jugo pesa pouco, ou até mesmo que ele é consentido. Dos dois lados, coloca-se um véu sobre o absurdo radical do mecanismo social, em vez de olhar de frente esse absurdo aparente e de analisá-lo para nele encontrar o segredo da máquina. Qualquer que seja o assunto, não há outro método para refletir. O assombro é o pai da sabedoria, dizia Platão.

Dado que a maioria obedece, e obedece até a se deixar impor o sofrimento e a morte, ao passo que a minoria comanda, não é verdade, pois, que o número seja uma força. O número, embora a imaginação nos leve a pensar, é uma fraqueza. A fraqueza está do lado em que se tem fome, em que se esgota, em que se suplica, ou se treme, não do lado em que se vive bem, em que se atribui graças, em que se ameaça. Se na rua um homem luta contra vinte, será sem dúvida deixado para morrer na calçada. Mas com um sinal do homem branco, vinte coolies anamitas podem ser chicoteados, um depois do outro, por um ou dois chefes de equipe.

A contradição, talvez, não seja senão aparente. Sem dúvida, em qualquer ocasião, os que ordenam são menos numerosos do que os que obedecem. Mas precisamente porque são pouco numerosos, eles formam um conjunto. Os outros, precisamente porque são muito numerosos, são um, mais um, e assim sucessivamente. A potência de uma minoria, dessa forma, repousa, apesar de tudo, na força do número. Essa minoria prevalece muito em número sobre cada um daqueles que compõem o rebanho da maioria. Não se deve, a partir daí, concluir que a organização das massas subverte a relação, pois ela é impossível. Só se pode estabelecer coesão entre uma pequena quantidade de seres humanos. Para além disso, não há nada além de justaposição de indivíduos, isto é, fraqueza.

Há, contudo, momentos em que não é bem assim. Em certos momentos da história, um grande alento passa pelas massas; suas aspirações, palavras, movimentos, se confundem. Nada, então, resiste a elas. Os poderosos, enfim, entendem, por sua vez, como é se sentir só e desarmado, e eles estremececem. Tácito, em algumas páginas imortais que descrevem uma sedição militar, soube analisar perfeitamente isso. “O principal sinal de um movimento profundo, impossível de apaziguar, é que eles não estavam dispersos ou eram manobrados por alguns, mas juntos pegavam fogo, juntos se calavam, com tamanha unanimidade e firmeza, que se acreditaria que agiam mediante ordens”. Assistimos a um milagre desse gênero em junho de 1936,^(NT) e a impressão deixada ainda não se apagou.

Momentos como esses não duram, ainda que os infelizes desejem ardentemente vê-los durar para sempre. Eles não podem durar, porque essa unanimidade, que se produz no calor de uma emoção viva e geral, não é compatível com nenhuma ação metódica.

Ela sempre tem por efeito suspender toda ação e frear o curso cotidiano da vida. Esse tempo de parada não pode se prolongar; o curso da vida cotidiana deve ser retomado, as tarefas do dia a dia devem ser realizadas. A massa se dissolve novamente em indivíduos, a lembrança de sua vitória esmaece; a situação primitiva, ou uma situação equivalente, se restabelece pouco a pouco; e ainda que no intervalo os mestres possam ter mudado, são sempre os mesmos que obedecem.

(NT) Referência aos movimentos grevistas de 1936, responsáveis pela aquisição de importantes direitos trabalhistas na França, como as férias remuneradas (Cf. <http://quefaire.lautre.net/Juin-1936-Tout-est-possible>, Acesso em 15/11/2016).

Os poderosos não têm interesse mais vital senão o de impedir essa cristalização das multidões submissas, ou, ao menos, pois nem sempre podem impedi-las, torná-la o mais rara possível. Que uma emoção agite, ao mesmo tempo, um grande número de infelizes é o que muitas acontece no decorrer natural das coisas; mas quase sempre, essa emoção, que mal foi despertada, é reprimida pelo sentimento de uma impotência irremediável. Manter esse sentimento de impotência é o primeiro artigo de uma política hábil da parte dos mestres.

O espírito humano é inacreditavelmente flexível, pronto a imitar, a se dobrar mediante circunstâncias exteriores. Aquele que obedece, aquele cuja palavra alheia determina os movimentos, as penas, os prazeres, sente-se inferior não por acidente, mas por natureza. No outro extremo da escala, sente-se igualmente superior, e essas duas ilusões se reforçam uma à outra. É impossível ao espírito mais heroicamente firme guardar a consciência de um valor interior, quando essa consciência não se apoia em nada de exterior. O próprio Cristo, quando se viu abandonado, escarnecido, desprezado, sua própria vida não valendo nada, perdeu, por um momento, o sentimento de sua missão; o que mais pode querer dizer o grito: “Deus meu, por que me abandonaste”? Parece que, para aqueles que obedecem, alguma inferioridade misteriosa os destinou a obedecer eternamente; e cada marca de desprezo, por mais ínfima que seja, que sofrem da parte de seus superiores ou de seus iguais, cada ordem que recebem, sobretudo cada ato de submissão que eles próprios efetuam, lhes confirma esse sentimento.

Tudo o que contribui para dar àqueles que estão na parte de baixo da escala social o sentimento de que têm um valor é, de em certa medida, subversivo. O mito da Rússia soviética é subversivo, ainda mais porque pode conferir, ao trabalhador da fábrica comunista demitido por seu capataz, a sensação de que, apesar de tudo, ele tem atrás de si o exército vermelho e Magnitogorsk, e permitir-lhe, assim, conservar seu orgulho. O mito da revolução historicamente inexorável desempenha o mesmo papel, embora seja mais abstrato; já é alguma coisa, quando se é miserável e só, ter a história a seu lado. O cristianismo, em seus primórdios, também era perigoso para a ordem. Ele não inspirava aos pobres, aos escravos, a cobiça dos bens e do poder, muito pelo contrário; ele lhes conferia, porém, o sentimento de um valor interior que os punha no mesmo nível ou mais alto que os ricos, e isso bastava para colocar a hierarquia social em perigo. Rapidamente, ele se corrigiu, aprendeu a colocar entre os casamentos, os enterros dos ricos e dos pobres, a diferença que convém, e a relegar aos infelizes, nas igrejas, os últimos lugares.

A força social é necessariamente acompanhada da mentira. Igualmente, tudo o que há de mais elevado na vida humana, todo esforço de amor, é corrosivo para a ordem. O pensamento pode, ademais, e com razão, exaurir-se como revolucionário, por um lado, como contrarrevolucionário, por outro. À medida que constrói, incessantemente, uma escala de valores “que não é deste mundo”, ele é inimigo das forças que dominam a sociedade. Mas ele não é mais favorável às empreitadas que tendem a subverter ou transformar a sociedade e que, antes mesmo de ter tido êxito, devem necessariamente implicar, junto àqueles que nele se empenham, a submissão da maioria à minoria, o

desdém dos privilegiados pela massa anônima e o manejo da mentira. O gênio, o amor, a santidade, merecem plenamente a censura que muitas vezes lhe é feita de tender a destruir o que existe sem nada construir no lugar. Quanto aos que querem pensar, amar e transpor, em toda pureza, na ação política o que lhes inspira seu espírito e coração, não podem senão perecer degolados, abandonados até mesmo pelos seus, aviltados após sua morte pela história, como fizeram os Gracos. ^(NT)

(NT) Família da antiga República Romana, que se destacou nas lutas sociais travadas no século II a.C., sobretudo pela participação de dois de seus membros: Tibério Graco e Caio Graco, os quais tentaram, sem sucesso, reformar o sistema social romano (Cf. Wikipedia, <https://fr.wikipedia.org/wiki/Gracques>, Acesso: 16/11/2016).

De tal situação, resulta, para todo ser humano afeiçoado ao bem público, um dilaceramento cruel e sem remédio. Participar, ainda que de longe, do jogo das forças que movem a história quase nunca é possível sem se sujar ou se condenar de antemão à derrota. Refugiar-se na indiferença ou numa torre de marfim tampouco é possível sem muita inconsciência. A fórmula “dos males, o menor”, tão descreditada pelo uso que dela fazem os socialdemocratas, permanece, pois, a única aplicável, conquanto se a aplique com a mais fria lucidez.

A ordem social, embora necessária, é essencialmente má, qualquer que seja. Não se pode censurar àqueles que ela esmaga por enfraquece-los o máximo que podem; quando se resignam, não é por virtude, mas, pelo contrário, é sob o efeito de uma humilhação que extingue neles as virtudes viris. Não se pode, tampouco, censurar àqueles que a organizam por defendê-la, nem representá-los como se formassem uma conjuração contra o bem geral. As lutas entre concidadãos não vêm de uma falta de compreensão ou de boa vontade; elas resultam da natureza das coisas e não podem ser apaziguadas, mas somente sufocadas pela coerção. Para alguém que ama a liberdade, não é desejável que elas desapareçam, mas apenas que permaneçam aquém de um certo limite de violência.



Edições Chão da Feira
Caderno de Leituras / Série Intempestiva
Projeto gráfico - Mateus Acioli
Dezembro de 2016

chaodafeira.com

Patrocínio



**PREFEITURA
BELO HORIZONTE**



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte